



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

RANIELLY CRISTINA SILVA SANTOS

**DO VACIUUS AO LOGOS: A LOGOTERAPIA EM RESPOSTA AO VAZIO DA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

CAMPINA GRANDE

2012

RANIELLY CRISTINA SILVA SANTOS

**DO VACIUUS AO LOGOS: A LOGOTERAPIA EM RESPOSTA AO VAZIO DA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos

CAMPINA GRANDE

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S237v Santos, Ranielly Cristina Silva.
Do Vaciuus ao Logos [manuscrito] : a logoterapia em
resposta ao vazio da sociedade contemporânea / Ranielly
Cristina Silva Santos. – 2012.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Psicologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e da Saúde, 2012.

“Orientação: Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos,
Departamento de Psicologia”.

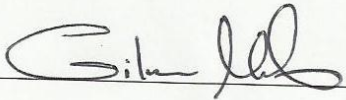
1. Logoterapia. 2. Existencialismo. 3. Análise
existencial. I. Título.

21. ed. CDD 150.192

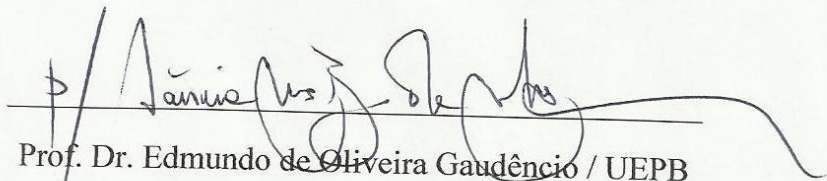
**DO VACIUUS AO LOGOS: A LOGOTERAPIA EM RESPOSTA AO VAZIO DA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

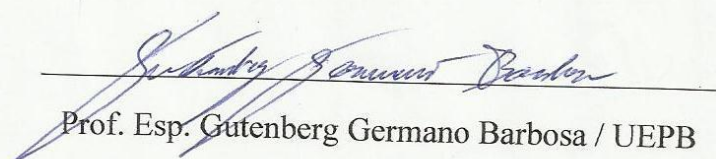
Aprovada em 13/06/2012



Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos/ UEPB
Orientador



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio / UEPB
Examinador



Prof. Esp. Gutenberg Germano Barbosa / UEPB
Examinador

DO VACIUUS AO LOGOS: A LOGOTERAPIA EM RESPOSTA AO VAZIO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

SANTOS, Ranielly Cristina Silva¹

RESUMO:

O ser humano tem passado, desde o final do século XX, e neste século XXI, por mudanças significativas e aceleradas, em conformidade com o ritmo da contemporaneidade. Hodiernamente, o foco da sociedade está apontado, sobretudo, para o consumo, o individualismo, a satisfação de desejos individuais e efêmeros e para a desvalorização do passado e do futuro, com a opção de viver intensamente o presente. O totalitarismo e o conformismo, além das tendências niilistas e reducionistas, são peças fundamentais nesse contexto que coíbe invisivelmente o ser humano, como se ele não possuísse liberdade ou vontade. Baseado nos preceitos da Logoterapia e Análise Existencial e guiado por essas premissas, este estudo foi realizado tendo como objetivo principal analisar, teoricamente, quais as implicações dos valores contemporâneos sobre a questão do vazio existencial, caracterizado como a falta de sentido da vida. Utilizando-nos de uma revisão bibliográfica, percebemos que o quadro apresentado e vivenciado em nossa sociedade revela um ser que, seguindo esses parâmetros, ao invés de conquistar a felicidade, depara-se com a falta de sentido de sua vida. Em alguns casos, é instalada uma situação de apatia ou hiperatividade, denotada pelo crescente acúmulo de novas experiências e buscas de satisfação. Nessa perspectiva, a logoterapia apresenta sua contribuição principal na finalidade de conduzir a pessoa, em seu caráter único e irrepitível, à descoberta de significado. Valores, liberdade, responsabilidade e autotranscendência configuram-se como pontos primordiais no que concerne à realização do sentido da vida e conseqüente afastamento do vazio existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Vazio Existencial; Contemporaneidade; Logoterapia e Análise Existencial.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Endereço para contato: raniellycss@hotmail.com

FROM VACIUUS TO LOGOS: THE LOGOTHERAPY IN RESPONSE TO THE VACUUM IN THE CONTEMPORARY SOCIETY

ABSTRACT:

Since the end of 20th, and still in the 21st century the human being has been changing significantly and quickly in accordance with the present time rhythm. Currently, the society's focus is on consumption, individualism, satisfaction of individual and ephemeral needs and in past and future depreciation in favor of enjoys intensely the present time. The totalitarianism and conformism besides of nihilist and reductionism tendency are fundamental pieces in this context which quietly restrains the human being's freedom and willness. This work is based on the precepts of Lobootherapy and Existential Analysis and its main purpose is a theoretical assay about how important the contemporary values are on the existential vacuum – which is characterized as the lack of life meaning. Using a bibliographical research, we understood that the situation presented and experienced reveals a being that, by following these parameters, faces the lack of meaning on its life, instead of conquers the happiness. In some cases, is lodge a situation of apathy or hyperactivity, aroused by the increasing accumulate of new experiences and search of satisfaction. On this perspective, the Logotherapy presents its contributions on leading the person, in its individuality, to discovery of meaning. Values, freedom, responsibility and self-transcendence set as the primordial points for the accomplishment of life's meaning and consequent withdrawal from existential vacuum.

KEYWORDS: Existential Vacuum; Contemporaneity; Lobootherapy and Existential analysis.

INTRODUÇÃO

O drama mais antigo e profundo da experiência humana diz respeito à busca do sentido da vida, que atualmente parece para boa parte das pessoas, perdido. Surge a partir dessa perda, o vazio existencial e uma frustração que afetam a existência em todos os seus âmbitos. Em uma perspectiva sócio-cultural, tal vazio configura-se como um fenômeno vivenciado, de forma notória, pelos indivíduos pertencentes às mais diversas culturas e civilizações.

Há muito tempo, milhões de indivíduos são levados a perder a própria razão de viver, em função da privação de condições materiais mínimas de existência. Por outro lado, May (2000) reconhece que no século XX, também presentes no século XXI, os dilemas humanos encontram-se mais acentuados que nos períodos precedentes. Além da necessidade de condições justas de sobrevivência, vários são os problemas existenciais contemporâneos gerados por influência de aspectos sócio-culturais. O quadro vigente aponta para as transformações na estrutura existencial do homem, com sintomas de impacto denotados por meio da angústia, depressão, estresse, desespero, dentre outros.

Tais questões instigaram o desenvolvimento deste estudo, no sentido de se compreender teoricamente, sob a égide da logoterapia e análise existencial, abordagem

psicoterapêutica voltada à cura através da busca do sentido da vida, quais as implicações dos valores contemporâneos sobre a problemática do vazio existencial.

Tendo em vista o exposto, fica evidente a relevância do presente ensaio, partindo de uma revisão literária não sistematizada acerca do referido tema, considerando a sua historicidade e atualidade, além da escassez de trabalhos nesse sentido, sobretudo envolvendo as produções teóricas da Logoterapia e Análise Existencial.

Tratando-se de uma revisão bibliográfica, será realizada inicialmente uma explanação referente aos princípios básicos da logoterapia, apontando para a questão do sentido da vida e, principalmente, para a noção de vazio existencial com suas repercussões, de acordo com Viktor Emil Frankl, criador da teoria em questão. Por conseguinte, discutiremos acerca dos principais aspectos sociais e culturais vivenciados pelo ser humano na sociedade contemporânea, enfatizando as influências do coletivo sobre as condutas individuais. Por fim, e não menos importante, trataremos de relacionar os valores na contemporaneidade com a questão da falta de sentido na vida, delimitando algumas das consequências desse vazio e as contribuições da Logoterapia e Análise Existencial para sua profilaxia e tratamento.

1. ECCE HOMO: A ANTROPOLOGIA FRANKLIANA

A partir de uma visão científica inspirada na fenomenologia do século XX, que tem como precursor Edmund Husserl (1859/1938); no existencialismo, com representação de Martin Heidegger (1889/1976) e Soren Kierkegaard (1813/1855) e, ainda, baseado na antropologia filosófica elaborada por Max Scheler (1874/1928), Viktor Emil Frankl criou e desenvolveu a chamada “Terceira Escola Vienense de Psicoterapia”, a Logoterapia e Análise Existencial.

Em face da II Guerra Mundial, Frankl tornou-se prisioneiro nos campos de extermínio nazista, onde validou pessoalmente suas concepções teóricas, registrando-as, após a libertação, em seu livro intitulado *Em busca de sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*.

O termo logoterapia provém de *logos*, que significa sentido, e terapia está ligada à cura ou cuidado, caracterizando-se, então, como a cura realizada por meio do sentido da existência humana (XAUSA, 1986).

A Logoterapia e Análise Existencial possui uma fundamentação filosófica e antropológica que tem como centro os fenômenos especificamente humanos, superando reducionismos. Desta maneira, além dos fenômenos psicofísicos, tal teoria focaliza a

dimensão do espírito humano, que envolve a intencionalidade, a tomada de decisões, interesse prático e artístico, pensamento criativo, senso ético, entre outros. Através de sua obra, Frankl expõe a concepção de uma teoria que explica o homem e sua constituição, com ênfase na unidade e totalidade do ser, considerando a plena integração entre as suas dimensões somática, psíquica e espiritual, como propõe Elisabeth Lukas (1986).

Contrariando as teorias da motivação elaboradas por Sigmund Freud (1856/1939) e Alfred Adler (1870/1937), a abordagem em questão pressupõe que a principal força motivadora do ser humano não é a vontade de prazer ou a vontade de poder, mas a vontade de sentido.

Frankl (1991) apregoa como inerente ao humano, enquanto ser livre e consciente, certo grau de tensão, o que configura-se como base para sua saúde mental. Tal estado é condição necessária para o estabelecimento do seu bem-estar mental, conquanto corresponde ao hiato existente entre o ser e o dever ser e, por outro lado, aquilo que já foi alcançado e as metas na direção das quais a figura humana se lança. Partindo dessa tensão é que cada pessoa seria impelida a encontrar um sentido em potencial a ser realizado, vivenciado. Um sentido de caráter único e irrepetível, de acordo com as vivências específicas de cada ser humano.

Destarte, não se faz necessário para a saúde mental do humano um estado homeostático, de equilíbrio, como Sigmund Freud e Carl Jung propuseram, mas, antes de tudo, a busca e luta individual por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente.

Nessa perspectiva, em detrimento da homeostase e descarga de tensão a qualquer custo, a existência humana deve basear-se no que o criador da logoterapia demonina de noodinâmica, que diz respeito à dinâmica existencial em um campo investido de tensão, em que um lado está representado por um sentido a ser realizado e o outro pela pessoa que deve realizá-lo. Há que existir para a pessoa, o desafio de um sentido em potencial à espera do seu descobrimento.

Na concepção frankliniana, alguns fatores podem ser considerados capazes de proporcionar sentido à vida, os quais referem-se à atração e realização de valores do dia-a-dia. As categorias de valores apresentadas são três: os valores de criação, que permitem ao ser humano agir no mundo; os valores vivenciais, como amizade, gratidão e amor, que consentem ao homem receber algo do mundo; e os valores de atitude, que lhe possibilitam a transformação de situações de sofrimento em realizações (FRANKL, 1978).

Por outro lado, embora ainda ligado à questão dos valores, como aponta Xausa (1986), há no ser humano uma orientação para algo que o transcende, seja um sentido a realizar ou

uma pessoa a encontrar. De um modo ou de outro, sua própria natureza o leva a ir além de si mesmo. Frankl aborda essa questão sob um prisma antropológico, qual seja: capacidade de autotranscendência da existência humana. Tal capacidade permite ao ser humano, realização, na medida em que sai de si, erguendo-se sobre as circunstâncias do momento e buscando direcionar-se para algo ou alguém que difere de si próprio.

Partindo deste ponto de vista, fica claro que o ser humano não está interessado primordialmente nas condições de equilíbrio interior ou de prazer, mas, antes de tudo, é direcionado para o mundo exterior, onde busca um sentido a realizar ou alguém a quem amar. Desse modo, desconstruída a ideia de uma autorealização como centro das motivações primárias do ser humano, é centrando sua existência na autotranscendência, na abertura a algo ou alguém, que ele pode desempenhar suas potencialidades no encontro autêntico com o outro.

Nas palavras de Viktor Frankl (2003):

[...] e somente na medida em que o ser humano assim se autotranscende, alcança sua auto-realização: a serviço de uma obra ou no amor por uma outra pessoa! Em outras palavras, o ser humano é ser humano em sua totalidade somente quando fica absorvido por uma tarefa, ou se entrega a uma pessoa. E torna-se ele mesmo, quando ele próprio deixa de se olhar e esquece de si. (p. 57)

Em contraponto à autotranscendência, existe o conceito de autodistanciamento, que diz respeito ao afastamento mental de si mesmo para observar os acontecimentos exteriores e as necessidades de outrem. A esse respeito, Lukas (1992) afirma que ambas as capacidades estão fundamentalmente ligadas entre si.

No acervo de ideias da logoterapia, outro aspecto importante está relacionado à liberdade e responsabilidade. Embora reconhecendo a condicionalidade psicofísica e fatural da pessoa humana, Frankl (2003) o considera um ser dotado de “liberdade interior”. Segundo o autor, o uso da liberdade propiciará a todo e qualquer indivíduo, o poder de decidir ou recuar diante das situações que a vida se lhe apresenta.

A concepção de liberdade implica, de modo geral, um duplo movimento: de um lado, a pessoa não é submissa aos seus instintos e determinações, é livre para optar e tem completa noção de julgamento perante as coisas. Sob outra perspectiva, é livre para ser responsável, o que significa que o ser humano é concebido de maneira dinâmica, significativa, com perspectivas, sendo orientado para a realização do significado concreto da própria existência (FRANKL, 1978). Assim sendo, bem como pontuado por Fizzotti (1996, p. 58), “a existência humana é um ato de responsabilidade, porque é essencialmente um ato de liberdade.”

Tendo sido expostos alguns dos pontos primordiais através dos quais a Logoterapia visualiza o ser humano em sua existência, bem como considerando o impacto benéfico da sua orientação para o sentido da vida, cabe-nos ressaltar neste momento o aspecto que representa o cerne deste trabalho; fenômeno o qual foi estudado por inúmeros filósofos e historiadores, reconhecido por Frankl já no século XX e bastante recorrente nos dias atuais, qual seja: a extrema falta de sentido na vida das pessoas, denominada de vazio existencial.

2. *QUO VADIS*: NOS RASTROS DO VAZIO EXISTENCIAL

Muito embora a sensação de falta de sentido da vida seja um fenômeno de massa que acomete, sobretudo, os jovens, uma vez que se encontram em processo de formação de personalidade e adequação ao mundo social, o vazio existencial não é exclusividade dessa parte da população. Atualmente, estudos a exemplo do que foi realizado por Louis Klitzke (1969), afirmam aumentar o número de pessoas adultas que se tornam vítimas de um sentimento de ausência total de sentido em relação à própria vida, encontrando-se perseguidas pela experiência de vazio interior.

Aproximando-se da linha de raciocínio veiculada pelo criador da Logoterapia e Análise Existencial, Yalom (1983) afirma que a cultura contemporânea está marcada pela neurose da carência de propósito ou de um significado para a vida. O autor menciona, ainda, um trabalho elaborado por Viktor Frankl, onde estima que cerca de 20% das neuroses encontradas por ele em sua prática clínica, não possuíam origem orgânica, sendo, portanto, provocadas pelo vazio de existir.

Para Frankl (1991), a difusão do vazio existencial no século XX possui ligação com fatores sócio-culturais, sendo compreensível à medida que o ser humano sofreu uma dupla perda ao longo do tempo. No início da história, ele foi desfazendo-se naturalmente de alguns dos instintos básicos que regulam o comportamento do animal e asseguram sua existência. A outra perda supramencionada, diz respeito ao seu desenvolvimento mais recente, concerne às tradições.

Em meio a esta problemática, surgiu juntamente ao início do século, uma série de transformações na organização social, que acabou por abalar aspectos como a ordem, que era uma das principais características da sociedade moderna. As tradições perderam grande parte de sua capacidade de moldar comportamentos, rompendo-se o fio que atrelava antigas e novas gerações.

A fé, juntamente aos valores dela decorrentes, sofreu descrédito frente ao novo espírito positivista de Augusto Comte e à racionalização de René Descartes, para os quais a ciência deveria ser a guia infalível da humanidade. O conhecimento científico passou a ser encarado pelos estudiosos como o único dotado de veracidade, onde os fatos eram submetidos a um rigor metodológico que falseava tudo quanto não pudesse ser objetivamente pesquisado.

Nesse âmbito, a procura de uma ligação com Deus fora desacreditada, abandonada e até ridicularizada pelos cientistas, à época os “novos detentores da verdade”. Como propôs Immanuel Kant (1993), a partir daí o ser humano deveria “ousar pensar por si mesmo”, libertando-se das imposições que limitavam as escolhas individuais.

Desse modo, dois fortes alicerces que sustentavam as criaturas há milênios foram desfeitos sob os olhares de toda a sociedade. O laço entre o novo e o velho, leia-se tradição, foi rompido, como se a razão abstraísse a necessidade de orientações daqueles que já habitavam esse mundo. A perda das tradições representou uma reformulação dos estilos de autoridade e uma queda no que diz respeito aos conhecimentos elaborados no passado, como os valores e as crenças que deveriam servir de guias aos mais jovens, em um mundo desconhecido e pré-existente a eles.

Como se pode observar, o ser humano tornou-se isento de instintos que lhe guiassem na direção do que deve realizar e de tradições capazes de lhe proporcionar orientação definida. Nesse contexto, não raras as vezes, o homem contemporâneo não sabe sequer o que deseja fazer. Ainda que frequentemente sem possuir a consciência do fato, ao abdicar, de certa forma, da sua liberdade individual, passou a adotar atitudes conformistas ou totalitaristas. Ou seja, submetido a uma espécie de coerção invisível, o ser humano tende a agir de acordo com as atitudes dos demais ou mesmo a comportar-se de modo a corresponder tão somente às expectativas alheias, no que acaba se tornando, muitas vezes, mero joguete das forças ambientais (FIZZOTTI, 1991).

Foi a partir das referidas mudanças que o vazio existencial, enquanto fenômeno sociogênico, disseminou-se com tamanha rapidez. Não que intentemos aqui apontar a sociedade e o progresso da civilização como responsáveis pela perda de sentido da vida humana, até porque, o mesmo progresso foi favorecedor do bom desenvolvimento do indivíduo e sociedade, em diversos âmbitos. Além disso, é imprescindível ressaltar que a falta de sentido na vida pode ser decorrente, em alguns casos, de problemas de cunho econômico, perdas importantes, ocorrência de doenças, desemprego, entre outros fatores.

Entretanto, não se pode desconsiderar o fato de que, hodiernamente, as transformações sociais acabam por propiciar o aparecimento de formas explícitas ou mascaradas de vazio

existencial. De acordo com Lukas (1990), o cada vez mais acelerado desenvolvimento tecnológico, a perda de tradições e a escassez de relacionamentos firmes e duradouros do homem contemporâneo, que se torna solitário em seu próprio egocentrismo, representam processos de perda de origens, que emanaram repercussões espirituais.

No que concerne às reflexões sobre a dimensão espiritual, é reconhecido que o vazio existencial manifesta-se, sobretudo, em um estado de tédio. Nesse sentido, Frankl (1978) nos leva a focalizar em um fenômeno ao qual denomina de “neurose dominical”. Tal neurose configurar-se-ia como uma espécie de depressão frequente em pessoas que, tendo passado a correria da semana atarefada, dão-se conta da ausência de sentido em suas vidas, tornando-se manifesto o vazio dentro de si. Inúmeros são os episódios de suicídio que podem ser atribuídos a este vazio existencial. Como assegura Fizzotti (1996, p. 38): “Revoltamo-nos contra o tédio porque não sabemos como usar a própria liberdade.”

Fenômenos tão difundidos na atualidade, como depressão, agressão e adicção também não podem ser compreendidos se não reconhecermos e averiguarmos a possível ocorrência do vazio existencial subjacente a eles. Em alguns casos, a vontade de sentido frustrada é substituída grosseiramente por uma vontade de poder, abarcando a sua forma mais substancialmente capitalista, a vontade de dinheiro. Outras vezes, a vontade de sentido, quando acometida por frustração, pode ser compensada pela vontade de prazer. Compreende-se, a partir daí, a razão de muitas vezes o vazio existencial findar em compensação sexual. É possível observar nestes casos que a libido sexual assume proporções desmedidas, dando vazão ao que podemos intitular de sexualidade desumanizada (FRANKL, 1991).

De modo perceptível, são vários os disfarces e máscaras sob os quais esse vazio existencial pode transparecer na sociedade presente, sociedade essa que, como sabido, possui forte influência no que se refere à constituição dos valores humanos atuais. Assim, cabe-nos discorrer acerca dos fenômenos sociais contemporâneos, enfatizando as suas implicações sobre a questão do vazio.

3. A SOCIEDADE DO VAZIO E O VAZIO DA SOCIEDADE: A CONTEMPORANEIDADE EM DISCUSSÃO

Tendo por embasamento teórico uma gama de estudos elaborados por sociólogos, estudiosos da cultura, filósofos e psicólogos, intentaremos adiante, destacar alguns dos valores próprios do ser humano imerso na sociedade atual.

Quando analisada sob a óptica sociológica, a organização social da atualidade vem sendo descrita através de terminologias como hipermodernidade, capitalismo tardio,

supermodernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva, pós-modernidade, ultramodernidade, sociedade do espetáculo, sociedade pós-industrial ou sociedade de risco.

Diante de tal variedade de nomenclaturas e considerando a importância dos estudos elaborados pelos autores responsáveis por sua veiculação na literatura, optaremos por fazer uso, de modo genérico, da expressão contemporaneidade.

O mundo social contemporâneo representa com nitidez um rompimento perante os valores instituídos desde os séculos XVII e XVIII, sobretudo no ocidente. Podemos citar, a título de iniciação, alguns dos aspectos relevantes que permeiam a vida do ser humano na atualidade, entre eles: a desagregação da sociedade, dos costumes, a inserção do indivíduo na época do consumo de massa, a emergência de um modo de socialização e de individualização inédito, entre outros fatores (LIPOVETSKY, 2005).

Considerando os apontamentos de Baudrillard (1991), a sociedade contemporânea representa a sociedade de massa, que é simultaneamente translúcida e opaca, bem como irreduzível a qualquer prática ou teoria simplesmente. A massa, para ele, caracterizar-se-ia como o fim do social e de qualquer tentativa de abordagem sociológica. É o mundo do espetáculo e do espetacular (SCHWARTZENBERG, 1978; DEBORD, 1997).

Em uma sociedade onde cultura e consumo são conceitos-chave para a compreensão do modo de vida individual e coletivo, fazem-se fortemente presentes dicotomias do tipo homogeneidade/diversidade, propósito(projeto)/jogo(acaso), ética/estética, produção(criação)/consumo(reprodução), políticas de classe/políticas de identidade. Fica claro que entre os termos envolvidos nas dicotomias, todos estão ligados ao sistema capitalista, todavia, os últimos possuem maior ênfase atualmente, em detrimento dos primeiros (FEATHERSTONE, 1995).

Nessa perspectiva, Anderson (1995) pontua que o mundo ocidental evoluído vivenciou no fim dos anos 70 e durante os 80 uma explosão de consumo desprovido de precedentes. Houve, no capitalismo contemporâneo, um aceleração de processos preexistentes, mas que, entretanto, sobrevinham dentro de espaços de tempo mais longos. Tal aceleração acabou por provocar certo atordoamento no atual ritmo de vida, possibilitando novas formas de sociabilidade que ainda não estão totalmente assimiladas pelas instituições e agentes, em função dos descompassos peculiares de uma sociedade que se transforma incessantemente. Conquanto, a contemporaneidade representa o triunfo completo do capitalismo.

O mercado dominou a vida social no ocidente, tudo se “mercadificou” ou está “prestes a”, e nesse processo, a mídia possui um papel fundamental, uma vez que funciona como instrumento e catalisador. Do campo das artes à religião, da política aos relacionamentos afetivos, passando pela ciência, esporte, dentre tantos aspectos, nada ficou incólume à

“mercadificação”. Na cultura contemporânea, a própria “cultura” tornou-se produto (ANDERSON, 1995).

Estando baseado nos protótipos do próprio capitalismo, outro ponto que caracteriza a contemporaneidade, nos registros econômico, social e político, é a disseminação do paradigma neoliberal. Em contraposição a uma retomada literal do liberalismo clássico do século XIX, o neoliberalismo representa uma extensão do modelo que não se restringe mais à economia, tendo estendido suas pretensões para todas as dimensões da existência social, como propõe Birman (2010).

Sob a influência do neoliberalismo, passaram a ser estabelecidas modalidades específicas de subjetivação, caracterizadas hodiernamente pela autonomia excessiva, pela busca desmedida do lucro e pela realização de performances que conduziriam o indivíduo a não se conceber enquanto inserido efetivamente em uma ordem social. Destarte, vários são os efeitos desse sistema que, entre outros, desencadeou na contemporaneidade um alto grau de individualismo. No presente cenário, a autonomia e a ausência de inclusão efetiva em uma ordem social, induzem a uma luta constante de todos contra todos, em nome do sucesso individual diante da vida e do imperativo de vencer a qualquer custo.

Prevalece desse modo, um valor fundamental e indiscutível, por meio das suas várias manifestações: o indivíduo e o seu direito cada vez mais apregoado de ser “livre”, de se realizar à parte. Há uma configuração de individualidade do ser humano que, centrado sobre o anseio de auto-realização, demonstra-se ávido por satisfazer desejos efêmeros e menos compelido a triunfar na vida do que a realizar-se continuamente na esfera íntima. Sugere-se um surto individualista (BAUMAN, 2008).

“A cultura do sacrifício está morta”, relatou Gilles Lipovetsky em seu estudo pioneiro sobre o individualismo contemporâneo. Segundo o autor, deixamos de nos reconhecer no compromisso de viver em favor de qualquer coisa que não nós mesmos.

As expressões de devoção àquele algo ou alguém distante de nós mesmos, ainda que apaixonadas, sinceras e intensas, não atingem o auto-sacrifício. Como exemplo disso, podemos citar a dedicação à causa verde, aonde dificilmente se chega a adotar um estilo de vida ascético ou mesmo uma forma parcial de abnegação. Com efeito, longe de nos encontrarmos dispostos a renunciar a um estilo de vida caracterizado pela tolerância consumista, repetidas vezes relutaremos em aceitar o menor inconveniente pessoal.

Imersa nesses paradigmas, podemos voltar-nos brevemente à compreensão da família nos dias atuais. Autores como Lukas (1990) e Fêres-Carneiro (2009) apontam para as mudanças significativas que os modelos familiares vêm sofrendo na contemporaneidade, o

que ocorreria devido aos valores individualistas e a perda de sentido da tradição. Considera-se que os valores que intervêm na interação e no comportamento dos membros da família estão sendo calcados na singularidade e liberdade individual, o que dificulta de forma contundente a vivência de todos enquanto um grupo ou uma comunidade.

O amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social. No mundo contemporâneo e considerado pós-romântico, no qual tudo o que mais importa é você mesmo, os vínculos passados encontram dificuldades para se manter. Você pode ser o que almejar, pode escolher sua vida, ambiente ou mesmo sua aparência e emoções. As antigas hierarquias de proteção e dependência inexistem, sendo comuns os contratos dissolvidos livremente.

O indivíduo visa, tanto quanto possível, extinguir os laços, reduzidos agora ao valor de troca. O mercado, por sua vez, dirige ao consumo constante induzindo à aceleração, o que acentua a superficialidade nos vínculos, visto que os sentimentos necessitam de certa duração para desenvolverem-se. As preocupações humanas são centrípetas, voltadas para o reino da autorealização e do cálculo dos riscos pessoais.

Alcançando prazer estético na superficialidade das intensidades, Oliveira (2004) declara que quanto maior o poder aquisitivo, mais o “coleccionador de sensações”, como ele denomina o ser humano contemporâneo, torna-se flexível e maleável, buscando incessantemente novas experiências. Desse modo, o indivíduo não busca nenhum sentido duradouro ou coerente, embora o necessite de modo fundamental.

O princípio que impera sobre o seu ideal é o do prazer, à medida que o princípio da realidade, ao abarcar consigo, privações, limites e tensões, deve ser evitado ao máximo por aqueles que o puderem fazer, uma vez que existe um hiato entre os que desejam e os que têm possibilidades de satisfazer esses sucessivos desejos.

Os incitamentos ao desejo convertem aqueles que não podem satisfazê-los em espectadores perturbados, regalados diante do espetáculo dos que conseguem a satisfação. Tanto uns quanto os outros aprendem que consumir e possuir certos objetos e adotar determinados estilos de vida é a condição necessária para a felicidade, talvez até para a dignidade humana (LIPOVETSKY, 2005).

Os que têm a possibilidade de fazê-lo, satisfazem-se com efemeridades, em alguns casos, através das simulações, do ciberespaço, do sexo casual, do mundo virtual. Afinal, do que serve o real, quando o virtual tem o poder de anular as incômodas implicações do primeiro? Questionam-se eles.

A questão primordial, na percepção do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2009), é que a eternidade está cerrada aos seres humanos, os quais, sofregamente conscientes disso e com pouquíssimas esperanças de apelar ao veredicto do destino, buscam emudecer e reprimir sua trágica sabedoria em um turbilhão de prazeres frágeis e efêmeros.

Nesse ínterim, considera-se estar o homem (inclua-se a mulher) ocidental, imerso em uma sociedade em que prevalecem a fluidez das relações e, como não poderia deixar de ser, o comprar compulsivo como manifestação da revolução dos valores. Por tais aspectos corresponderem a incitações artificiais à busca do prazer como propósito máximo da vida, faz-se prudente examinar algumas das possíveis razões pelas quais tal situação foi instalada.

Em “Modernidade Líquida”, trabalho datado do ano de 2001, Bauman afirma que a compulsão-transformada-em-vício de comprar e possuir é uma luta contra a incerteza aguda e contra um sentimento de insegurança incômoda e estupidificante.

Uma vez que o Estado, a religião, a própria ciência e a família que, em um estágio anterior eram responsáveis pela regularidade social, demarcando os limites entre o certo e o errado, foram perdendo o lastro de certeza e ajustamento, o mundo tornou-se uma coleção interminável de possibilidades. Assim, é justamente o elevado número de caminhos e oportunidades que preenche o lugar deixado vazio pela supressão das sinalizações e certezas.

No momento em que as autoridades nas quais podemos confiar são todas redarguidas e nenhuma parece ter poder suficiente para nos oferecer o nível de segurança de que necessitamos, por que deveríamos crer nos “mitos”, digamos valores que elas cultivam? Visto isso, compreende-se que não são apenas as instituições que padecem de abalos em seus destinos, mas o próprio seio/veio social e a ideia de coletividade, de sociedade que surge agora como algo incerto e mesmo discutível.

Padrões e regras antes compreendidos como apropriados foram reclassificados como enganosos ou até inúteis. Resultando dessa reversão de valores, o passado como um todo, e precisamente a parte que ainda está fresca na memória do público, será submetido a interrogatório rigoroso (BAUMAN, 2009).

Paradoxalmente, mas não de modo accidental, a ausência de pontos de orientação firmes e fidedignos e de guias confiáveis indicando o caminho à frente, coincide com uma propagação inédita de sugestões tentadoras e ofertas de orientação atraentes.

Em um mundo traçado à imagem de um conjunto de escolhas e opções, como num shopping Center, a diferença torna-se algo almejado e passível de cultivo. Essa diferença tão cultivada manifesta-se no crescente lançamento de novos produtos, marcas, modelos. Maior variedade de produtos, de estilos e identidades, vivências múltiplas e variadas numa mesma

individualidade, resultando no brado contemporâneo: viva a diferença, viva a diversidade! Plurais, pluralidade e pluralização são sempre bem-vindos (LIPOVETSKY, 2007).

O que se segue, segundo Bauman (2009), é que a aptidão que realmente precisamos adquirir é primeiro e acima de tudo, a flexibilidade, a disposição para esquecer e descartar, bem como a capacidade de modificar cursos e trilhas prontamente e sem remorso; e que aquilo que necessitamos lembrar constantemente é a necessidade de evitar um juramento de lealdade por toda a vida a quem ou o que quer que seja.

Observa-se, nesse ínterim, que reverter os sinais herdados do passado parece funcionar oferecendo alguma orientação, embora estritamente negativa, e alguma sensação, ainda que implausível e confusa, de se estar no comando da direção final a ser alcançada pelo curso dos eventos póstumos.

Num lugar onde qualquer alvo considerado digno de ser perseguido aparece à vista por um breve instante, planejar fugas de longo prazo tende a ser uma possibilidade arriscada.

“Um mundo repleto de armadilhas e emboscadas favorece e recompensa os atalhos, projetos que podem ser concluídos em curto prazo, alvos que podem ser alcançados imediatamente. Também encoraja atitudes do tipo ‘desfrute agora e pague depois’, enquanto desestimula as reflexões e preocupações tipo ‘qual o custo disso tudo?’” (BAUMAN, 2009, p. 102)

Lojas, marcas e logos representam e são utilizados como alguns dos poucos refúgios seguros em meio às terríveis correntezas que ameaçam a segurança do ser humano em um mundo inquietantemente incerto. Não obstante, não se adquire apenas sapatos, comida, automóveis ou itens de mobiliário.

A procura infinda e ávida por novos modelos aperfeiçoados e por receitas de vida também se configura como uma variedade do comprar e, diga-se de passagem, uma variedade de máxima importância. Certamente essa busca tem como um de seus precedentes, a ideia bastante veiculada atualmente de que a felicidade é um estado supremo a ser alcançado por todos e que ela depende unicamente da competência pessoal de cada ser. Partindo dessa visão, a infelicidade seria análoga à incompetência ou à falta de esforço suficiente.

Em nossa sociedade de consumidores, o impulso de replicar o estilo de vida atualmente recomendado pelo mercado e seus porta-vozes, e também a compulsão de revisar perpetuamente a identidade e a *persona* pública, deixou de ser associado à coerção externa. Ao contrário, tende a ser percebido como manifestações da liberdade pessoal. Mas, se para alguns, ser livre significa ser capaz de agir de acordo com os próprios desejos, a nossa versão

contemporânea promete liberdade para todos, mas a distribui de modo esparso e seletivo, de acordo com o estrato social no qual se está inserido (BAUMAN, 2001).

Sobretudo para os indivíduos pertencentes a estratos sociais mais elevados, propõe Oliveira (2004) que, além do comprar compulsivo e da disposição à flexibilização da identidade, o vazio de sentido pode ser preenchido e compensado por meio dos atos de vandalismo, consumo de drogas ou qualquer outra alternativa, como a tendência aos esportes radicais.

Para os agentes dos estratos inferiores, há sempre um novo culto pentecostal que empacota tudo isso ao custo dos dízimos. Nunca será demais reforçar que esse regime de indecisão, perplexidade e dúvida tem ação mais contundente para os situados em camadas mais favorecidas da sociedade, aonde os novos paradigmas sociais foram disseminados mais facilmente.

Considerando os aspectos elencados, pode-se afirmar que os fatores sócio-culturais apontados pelo mundo contemporâneo contribuem, em grande parte, para a falta de sentido da vida humana. A esse respeito trataremos adiante.

4. A LOGOTERAPIA EM RESPOSTA AO VAZIO

Vivemos em uma sociedade que, teoricamente, ensina-nos certos valores morais como a justiça, igualdade, veracidade, generosidade, coragem, amizade, e direito à felicidade, e, entretanto, dificulta a concretização deles por estar organizada e estruturada de modo a impedi-los.

Segundo May (2000), existe uma perda de significação decorrente da transição, onde os valores antigos estão esvaziados e os costumes tradicionais são inviáveis ao indivíduo que vivencia uma dificuldade particular para encontrar a si mesmo no mundo. Veementemente marcadas pela vivência do pluralismo das normas, é nítida a dificuldade com que as pessoas agem frente à questão das escolhas, em um ambiente composto por incontáveis laivos de ambiguidade.

Podemos afirmar que a época na qual vivemos é permeada por um mal-estar expresso através de um sentimento de monotonia ou “tédio crônico”, e que conduz a um desinvestimento em valores como os supracitados. Repulsa dos dominantes, por um lado, humilhação dos excluídos do luxo e da abundância, de outro, resultam em apatia e hiperatividade, ambos representando os sintomas de excessos, de frustração. Tal estado configura-se como a mais pura demonstração do empobrecimento psíquico e da perda de

qualquer sentido da vida, advindos da reformulação de todos os valores, que agora são fundamentalmente baseados no individualismo, consumismo e nos ideais hedonistas.

Tomando como ponto de partida as concepções de Freud (1996), temos que o homem possui os seguintes propósitos na vida: visa, por um lado, à ausência de sofrimento e de desprazer, e por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. Deste modo, para o autor, a motivação da vida está direcionada para o princípio do prazer, muito embora, neste percurso, aspectos da realidade se imponham evitando que a satisfação que tanto almeja seja alcançada. É o princípio da realidade colocando-se diante do princípio do prazer, sendo consequência disso, o sentimento de desprazer.

Parece-nos que nos dias atuais tais questões são pertinentes, uma vez que é justamente contra o princípio da realidade que os indivíduos vêm lutando, visando afastar ao máximo os desprazeres, infortúnios e quaisquer desagradados que possam surgir em seus caminhos.

Em um quadro assim já definido, muitos se revelam por vias inesperadas. Daí a presença da angústia, da solidão, do desespero, da despersonalização, tudo inerente ao contexto atual. O mundo contemporâneo se mostra repleto de situações em que a meta à orientação é negada. O questionamento dos valores que davam referência ao ser humano caiu por terra, o viver sem direção efetiva e a sua posição no momento presente, fugaz e superficial, prevalece (LIPOVETSKY, 2005).

Os poderes são cada vez mais penetrantes e ao mesmo tempo invisíveis. Os indivíduos, mais voltados a si próprios e com menos convicções. O “ser” não é caracterizado apenas pela auto-absorção hedonista, mas também pela necessidade de grupos de indivíduos idênticos, que tornem o indivíduo útil e permitam a exigência de novos direitos.

Vivenciando tais condições, cada vez mais as pessoas parecem perder a capacidade de conduzir suas próprias vidas, de serem autoras da sua existência. Está se perdendo o sentido da vida e, dialeticamente, o valor autêntico das relações. Em outras palavras, pode-se dizer que hoje o ser humano está perdendo a si mesmo. Desse modo, esbarramos de modo inexorável, no sentido do absurdo, da falta de segurança, da insatisfação, do vazio existencial.

Um esboço do diagnóstico desse fenômeno está direcionado à busca das causas; elas foram isoladas não apenas no extremo conformismo e totalitarismo, mas inclusive em um doutrinamento niilista e reducionista, que enxerga no ser humano nada menos que uma porção de instintos, e nos valores, tão somente mecanismos de defesa. Assim, não admira a intensa frustração existencial em que cai subitamente o ser humano que vê sua existência desprovida de qualquer significado (FIZZOTI, 1996).

Desta forma, o tema liberdade sempre regressa de modo provocante à cena. Na era que assistiu à implosão de muros históricos e que testemunhou a libertação das nações perante as barreiras políticas e ideológicas consideradas intransponíveis até pouco tempo, outros modos de escravidão vêm sendo impostos. Sexo, drogas e dinheiro caracterizam-se como símbolos de uma sociedade direcionada fundamentalmente para o consumo, e, por isso, o indivíduo nela imerso se arrisca a perder a única essência verdadeira: a consciência, compreendida, sobretudo, como órgão que possibilita a capacidade de agir livre e intencionalmente, dando um sentido à existência, como preconiza Frankl (2005).

Heidegger (2005) já afirmava que o indivíduo apresenta-se constantemente temeroso, preocupado com as opiniões alheias, visando adequar-se aos padrões materiais e psicológicos que lhe são conferidos. Portanto, aqui se trata de uma falsa liberdade, onde prepondera a busca pelo parecer-ter e parecer-ser, pelo representar papéis no intuito de obter admiração, prestígio, estima e poder.

Esse é um modo de vivência incontestavelmente superficial, acima de tudo porque se remete de forma exclusiva à liberdade de alguma coisa e não, também, à liberdade para alguma coisa. Deixada nessa parcialidade ambígua, a liberdade vai em direção ao vazio, de onde virá a converter-se em tédio e alienação. Assim, aparece aquele enfadonho mal-estar frequentemente presente em nossos fins-de-semana, nas férias, horas de lazer, quando é necessário, a qualquer custo, “matar o tempo”.

Afinal, quem se dispõe a modificar o ritmo, parar e refletir acerca da própria existência? Quem é capaz de se esforçar para preencher de significado cada experiência que a vida lhe oferece, incluindo as mais difíceis ou as mais banais? Poucos. Também se coloca aqui a experiência do sofrimento e da dor, que frequentemente queremos esquecer, afastar, exceto quando abruptamente nos defrontamos com eles, em encontro sempre adiado, mas que, fatalmente, um dia percebemos não poder mais protelar. Como pontuado por Fizzoti (1996), em verdade, não é fácil ser livre, saber autoconduzir-se, planejar a própria vida com consciência e assumir as responsabilidades, embora seja imprescindível.

Visando fazer com que o indivíduo retome ao seu lugar de ser consciente, livre e responsável, nesse contexto, é indispensável uma visão antropológica que considere fundamentalmente a busca dos significados, dos valores, dos conteúdos autênticos. A logoterapia esclarece: nunca se deve separar liberdade de responsabilidade. Diferentemente da visão veiculada atualmente, em que liberdade e permissividade confundem-se, para essa linha teórica, somos verdadeiramente livres à medida que continuamos senhores de nós mesmos, de nosso destino, conscientes dos nossos papéis.

A visão de Frankl (1990) insere-se de modo adequado nessa perspectiva, posto que apresenta uma ideia do ser humano em constante movimento, possuidor de características originais e singulares, derivados da verdadeira liberdade, que não pode ser suprimida, mesmo em face dos condicionamentos a que está sujeito. Eis o homem – *ecce homo* – de Frankl. A vida, nesse ínterim, surge não mais como algo de que se deve fugir quando em situações conflituosas, mas enquanto uma realidade a ser vivida intensamente, mesmo nos aspectos dramáticos. Eis um dever personalíssimo que cada indivíduo, e somente ele, pode realizar.

Por outro lado, baseado nos princípios elaborados por Frankl, Joseph Fabry (1990) aponta a autotranscendência como um dos meios para se encontrar o significado da vida. Contestando uma longa tradição, a ideologia hodiernamente defendida, parte da crença de que pensar na totalidade é perda de tempo, uma vez que é irrelevante para a felicidade individual. O convite a trabalhar mais e ganhar mais, está afastando e substituindo os apelos do passado a pensar a sociedade, seja no que diz respeito a uma comunidade, nação, igreja ou causa. Para a logoterapia, o sentido vital surge também, à medida que se vai além da egocentricidade desse tipo de pensamento, abrindo-se e direcionando-se aos outros ou às causas sociais.

Faz-se mister a qualificação dos relacionamentos, em detrimento da quantificação de situações, considerando que a constituição do ser humano enquanto indivíduo perpassa fundamentalmente pelo social e suas relações, disso dependendo as suas condições de saúde psíquica e espiritual.

Em uma época em que a busca exagerada pelo prazer e a felicidade individual é tão presente, as crises são geradas. Lukas (1992) aponta que o questionamento: “Que devo fazer para ser feliz?” está mal colocado, já que felicidade e prazer são fenômenos concomitantes e não intencionados de um agir que possui sentido, devendo funcionar como “ecos afetivos”. Destarte, nada do que se faça intencionalmente para tornar-se feliz o fará encontrar-se verdadeiramente nesse estado.

Nesse enfoque, o logoterapeuta ou a logoterapeuta apresenta sua contribuição na finalidade de conduzir a pessoa, em seu caráter único e irrepetível, na descoberta de uma unidade em si mesma e o seu significado. O problema do teórico e profissional da área consiste em apresentar uma concepção da vida humana repleta de significado e liberdade/responsabilidade, que acentue a disposição das pessoas para descobrir os significados de cada situação com que é construída a vida diária, prevenindo ou tratando, assim, os males causados pelo vazio de existir, que não se sabe para onde caminha – *quo vadis* -, mas certamente de onde se origina: a falta de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou explicitar as influências dos valores preconizados na contemporaneidade, no que diz respeito à questão do vazio existencial. Considera-se que tenha havido uma contribuição significativa, uma vez que elucidamos vários aspectos relativos aos modos de existência em uma sociedade de massa e consumo, em que houve uma relativização e reestruturação dos valores humanos, o que contribuiu significativamente para a instalação do vazio.

Além disso, relacionar os conceitos da Logoterapia e Análise Existencial com esse contexto, possibilitou-nos uma visão ampliada da situação, fornecendo subsídios às mudanças, em meio ao que, grosso modo, aparenta-nos ser uma realidade determinista e nebulosa quanto aos caminhos alternativos.

Os resultados nos permitiram argumentar que o quadro apresentado e vivenciado na contemporaneidade expõe um ser em falta. Assim, a discussão acerca do sentido da vida e das capacidades fundamentalmente humanas pode constituir-se como um fator de prevenção e tratamento do vazio existencial. O direcionamento à consciência, aos valores absolutos tais como ética, compaixão, capacidade de autodistanciamento, de autotranscendência, e a percepção da liberdade e responsabilidade inerentes ao ser humano, devem fazer parte de um projeto que vise a procura pelo significado da vida.

Recomenda-se que novas reflexões possam, no futuro, aprimorar o que foi aqui proposto, especialmente no que concerne à problematização da sociedade contemporânea. Sugere-se ainda, a verificação mais incisiva das peculiaridades do modo de vida dos pertencentes à esfera econômica e social mais elevada, em função dos indivíduos imersos em estratos inferiores.

Fazendo uso da concepção de Max Scheler (1994), quando afirma que o ser humano, antes de ser um *ens cogitans* ou um *ens volens* (um ser que sabe ou que deseja), é um *ens amans* (um ser que ama), impera-se observar, em detalhes, a proposta desta psicologia das alturas, a logoterapia. Compreende-se que para alcançar o sentido, o ser humano precisa se oferecer, amar, compaixonar, tanto quanto lutar para minimizar o vazio de outros.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **Balço do neoliberalismo**. In: SADER, E.; GENTILI, P. (orgs). Pós-neoliberalismo: As políticas sociais e o estado democrático. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BAUDRILLARD, J. **A Sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BAUMAN, Z. **Globalização: As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____, Z. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BIRMAN, J. A predação e o mal na contemporaneidade. **Revista Cult, 2010**. Disponível em < <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/09/a-predacao-e-o-mal-na-contemporaneidade/> > Acesso em: 10 de Out. 2011, 20:34.

DEBORD, G. **A sociedade do Espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FABRY, J. **Aplicações práticas da logoterapia**. São Paulo: Editora de Cultura Espiritual, 1990.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FÈRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e família: permanências e rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

FIZZOTTI, E. **Conquista da liberdade: proposta da logoterapia de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulinas, 1996.

FRANKL, V. E. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____, V. E. **Psicoterapia para todos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

_____, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial**. 4 ed. São Paulo: Quadrante, 2003.

_____, V. E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. 11 ed. Aparecida, SP: Santuário, 2005.

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão**. In: O Futuro de uma Ilusão, O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. p. 13-63.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2005. p.262-325.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1993.

KLITZKE, L. **Students in emerging Africa: humanistic psychology na logotherapy in Tanzania**. In. America Journal of Humanistic Psychology, 1969. p. 105-126.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.

_____, G. **A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumo**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUKAS, E. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. São Paulo: Loyola, 1986.

_____, E. **Mentalização e saúde**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

_____, E. **Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

MAY, R. **A Psicologia e o Dilema Humano**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, P. P. **A contemporaneidade como sinônimo de pós-modernidade**. In: A construção social da masculinidade. Rio de Janeiro : IUPERJ, 2004.

SCHELER, M. **Da Reviravolta dos Valores**. São Paulo: Vozes, 1994.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

XAUSA, I. A. M. **A psicologia do sentido da vida**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

YALLOM, I. **Psicoterapia Existencial**. Barcelona: Herder, 1983.